



RELAÇÕES DE PODER E NEGOCIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE TREINO NO PARKOUR¹

Alessandra Vieira Fernandes²
Giuliano Gomes de A. Pimentel³

RESUMO

O objetivo desse estudo consiste em analisar a apropriação e distribuição das/os praticantes de parkour nos espaços de treino, na perspectiva das relações de gênero. Trata-se de um estudo exploratório, cujos dados foram coletados por meio de entrevista semi-estruturada e observação e analisados no IRaMuTeQ e por análise de conteúdo. Foi evidenciado que os/as praticantes apropriam-se do espaço de treino diante da hierarquia de gênero em uma relação de negociação.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Parkour; Atividades de Aventura.

1 INTRODUÇÃO

Existe relação entre gênero e atividades de aventura (CARDOSO; MARINHO; PIMENTEL, 2013; LITTLE; WILSON, 2013), sendo possível observar como essas modalidades permitem a exploração e a realização da masculinidade (STODDART, 2011; THORPE, 2010). Em relação ao parkour, os estudos de gênero centram-se nessa abordagem (KIDDER, 2013; STAPLETON; TERRIO, 2012) e demarcam a diferença de habilidades entre homens (tracers) e mulheres (traceuses) praticantes.

O parkour consiste em uma prática urbana de transposição de obstáculos, que, assim como outras práticas corporais, apresenta o predomínio de praticantes do sexo masculino e a centralidade do capital simbólico associada à masculinidade (WHEATON, 2016). Ainda assim, é comum nos treinos que traceuses e tracers ocupem o mesmo espaço com o propósito de aprender e se desenvolver nessa prática.

Tais aspectos mobilizaram o interesse em compreender como se configuram esses locais de treino concernente às atuações das/os praticantes e as relações estabelecidas. Portanto, o objetivo desse estudo consiste em analisar a apropriação e distribuição das/os praticantes de parkour nos espaços de treino, na perspectiva das relações de gênero. Para tanto, considera-se a perspectiva teórica de Judith Butler que aponta a categoria “gênero” um ato intencional, cujos gestos e atuações são performativos, no sentido de que a essência ou identidade são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos ou outros meios discursivos (BUTLER, 2003).

1 O presente trabalho contou com apoio financeiro da CAPES para sua realização.

2 Universidade Estadual de Maringá (UEM), alessandrafernandes.ale@gmail.com

3 Universidade Estadual de Maringá (UEM), ggapimentel@uem.br

2 METODOLOGIA

Esse estudo caracteriza-se como exploratório de cunho qualitativo, cujos dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e diários de campo de observação não-participante. A amostra da entrevista, selecionada de forma intencional, é composta por 16 praticantes de parkour (fem=8; mas=8). A observação foi efetivada em três treinos coletivos em diferentes estados brasileiros. Os dados foram analisados por meio de análise de similitude no software *IRaMuTeQ* e por Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de similitude possibilitou identificar as coocorrências entre as palavras, a fim de trazer as indicações da conexidade entre as mesmas, contribuindo na identificação da estrutura da representação sobre os espaços de treino no parkour. A figura 1, apresentada na interface dos resultados, aponta a conexão entre os termos centrais “treinar”, “treino”, “menina”, “estar” e “menino”.

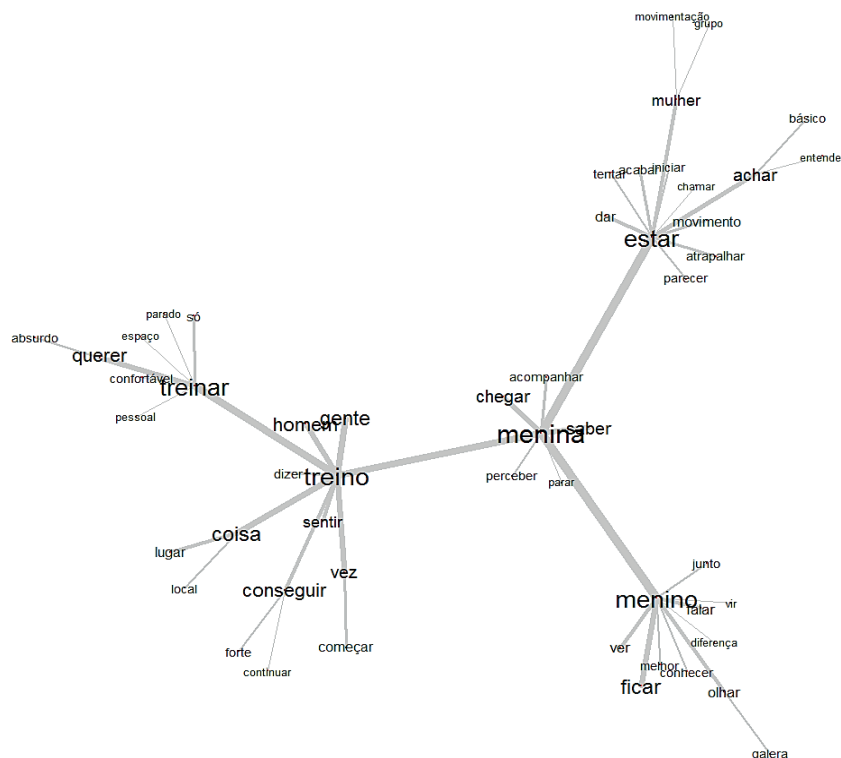


Figura 1 - Análise de Similitude

O elemento “treino” apresentou forte associação com o termo “homem”, o que pode ser atribuído à representação do predomínio de praticantes do sexo masculino no parkour (WHEATON, 2016). Essa característica repercute em relação à outras modalidades de aventura (surf, skate e montanhismo), nas quais a relação é de 6 homens para cada mulher praticante no Brasil. Denota-se que as características dessas atividades ainda são associadas à performatividade do corpo masculino diante do imaginário relativo à força, risco, potência e virilidade (CHEUNG; HALPERN, 2010).

Com ênfase nas coocorrências dos termos “menino” e “menina”, a figura 1 ilustra, entre os pares de associação, diferentes termos relacionados a esses dois elementos centrais, demarcando que a atuação e ocupação nesses espaços são representadas de forma distintas para ambos.

Os elementos “falar”, “olhar”, “ficar”, “melhor” e “conhecer” estão associados aos meninos, enquanto que os termos “parar”, “chegar”, “perceber”, “estar” nos treinos no sentido de “iniciar”, “atrapalhar”, “tentar” e compreender o básico estão relacionados às mulheres. É possível verificar que essas associações remetem à uma atuação dos homens que podemos designar como “mais ativa” ao comparar o que foi representado às mulheres. Tais atuações reproduzem os papéis hegemônicos de gênero ao salientar uma hierarquia dentro dos espaços de treino.

Essas possíveis diferenças de atuação entre tracers e traceuses, constatadas nessas representações, foram averiguadas e aprofundadas pela análise de conteúdo. Como variáveis inferidas identificaram-se oito unidades de registro (UR) agrupadas em duas categorias analíticas: A) a supremacia masculina nos espaços de treino; B) estereótipos e invisibilidade circunscritos na traceuse.

As falas destacadas na categoria A indicaram que a hegemonia dos tracers, o tipo de treino e a movimentação apresentadas por eles lhes atribuem um “poder” dentro desses espaços. Na percepção dos praticantes é consensual que as características dos treinos são direcionadas aos homens devido sua predominância. Os treinos têm ênfase nas potencialidades e dificuldades desse público, articulam os desafios e as movimentações que a maioria consegue realizar, adjetivadas como “assustadoras”, “altas”, “mais longe”. Esses aspectos nas falas dos praticantes, principalmente dos homens, demarcam a distinção da movimentação e da habilidade entre tracers e traceuses. Essa diferenciação é justificada pela naturalização biológica da “força” associada ao corpo masculino. Tal naturalização foi construída e disseminada por argumentos científicos ao longo do século XIX para explicar diferenças sociais, sendo integradas nas atitudes e no comportamento das pessoas, tornando-se uma realidade material (HAGREAVES, 1994). Conforme Butler (2003), a performatividade como elemento de agência do gênero deve ser inscrita no espaço social geral, tornando naturais tais apresentações corporais.

Na maioria dos treinos observados, as partes iniciais (alongamento e aquecimento) eram guiadas e efetivadas em conjunto. Após esse momento, os praticantes se dissipavam ou se reuniam em pequenos grupos para realizar determinadas movimentações. Os homens, em pequenos grupos, ocupavam quase todo o espaço de treino, enquanto que as mulheres presentes geralmente estavam reunidas em um único espaço. Poucas traceuses “sozinhas” arriscavam tentar outros movimentos em outros locais ou se inserir nos espaços dos meninos.

Na categoria “estereótipos e invisibilidade circunscritos na traceuse”, as verbalizações apontam a exclusão e a falta de espaço, simbólico e geográfico, vivenciado pelas praticantes em decorrência do domínio e da hegemonia masculina nos espaços de treino. Como indica Wheaton (2016), os homens comumente definem, usam e controlam o espaço no parkour. Além disso, evidencia-se uma tendência dos tracers em iniciar movimentações em locais ocupados pelas traceuses, no sentido de uma “invasão” que, como consequência, impossibilita que elas continuem

treinando neles. Essa “invasão” que, muitas vezes, não é confrontada corrobora com o “domínio” dos tracers sobre os espaços. Também nota-se nos discursos que as traceuses acabam sendo excluídas de determinados treinos, principalmente dos treinos em lugares que iriam exigir mais habilidades físicas e mentais.

A falta de espaço e a exclusão das traceuses estão diretamente relacionadas aos estereótipos associados ao “ser mulher” nas práticas corporais que refere à descrença de suas habilidades. As percepções das traceuses correspondem às falas dos tracers ao duvidar sobre a capacidade delas em acompanhar o treino direcionado por eles e a crença de que, por serem menos “capazes”, elas poderiam atrapalhar o mesmo. Como argumenta Connell (1995), as performances corporais no esporte são usadas para efetivar e simbolizar as relações sociais de gênero que incluem a hierarquia entre os homens e a exclusão das mulheres.

Essas representações sobre o corpo e a inaptidão da mulher nessas práticas gerenciam formas de inclusão e exclusão no interior dessas relações (GOELLNER, 2007). Para Butler (2003, p. 198), “o corpo é uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero”. Ele é “genericado”: é um produto da cultura sobre o qual são incorporados representações, valores, discursos e também formas de ser e de parecer masculino e feminino.

As traceuses ainda expressaram sensações de desconforto e vergonha durante os treinos. Parte dessas sensações são provocadas pelo “olhar” comparativo e pela cobrança dos tracers. Alguns dos entrevistados fizeram comparações entre traceuses, principalmente no tocante à frequência de treino e à determinação. Logo, verifica-se que os tracers detêm o poder de “falar”, de “olhar”, de “definir” quem está incluído e quem está excluído (MEYER, 1998).

Diante disso, as evidências apresentadas apontam e ilustram as diferenças como tracers e traceuses atuam e ocupam os espaços de treino, distribuídos em dois polos, onde um representa o poder/dominação sobre os espaços e o outro referente à pouca resistência das traceuses nesse contexto. É possível observar essa relação (dominação/aceitação) como um meio de “negociação” para a participação das mulheres nesses espaços a medida que elas legitimam os tracers o exercício desse “poder”. Como consequência, essa mesma relação determina como os/as praticantes se distribuem nesses locais e quais performances e papéis são “permitidos” para os diferentes membros dos grupos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar como as/os praticantes se apropriam e se distribuem nos espaços de treino do parkour, diante da perspectiva de gênero, foi possível compreender como se configuram as relações de poder nessa prática e identificar que a hierarquia de gênero demanda uma “negociação” desses espaços entre tracers e traceuses. As construções culturais associadas à masculinidade e à feminilidade legitimam um “poder” aos tracers para se apropriar e gerenciar esses espaços, reforçando relações e papéis hegemônicos de gênero. Tal contexto sugere empoderar e reclamar às mulheres sobre o direito de confrontar posturas dominantes e reivindicar seu espaço.

RELACIONES DE PODER Y NEGOCIACIÓN DE LOS LUGARES DE ENTRENAMIENTO EN EL PARKOUR

RESUMEN: *El objetivo de este estudio es analizar la apropiación y distribución de los/las practicantes de parkour en las áreas de formación, en la perspectiva de las relaciones de género. Se trata de un estudio exploratorio, cuyos datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas y observación. La evidencia muestra que los/las practicantes si apropian de los espacios de formación por medio de la jerarquía de género en una relación de negociación.*

PALABRAS CLAVE: *Género; Parkour; Actividades de Aventura.*

POWER RELATIONS AND NEGOTIATION OF TRAINING AREAS IN PARKOUR

ABSTRACT: *The aim of this study is to analyze the appropriation and distribution of parkour practitioners in training spaces, from the perspective of gender relations. It is an exploratory study, whose data were collected through a semi-structured interview and observation and analyzed in IRaMuTeQ and by content analysis. It was evidenced that practitioners appropriate the training space by means of the gender hierarchy in a negotiation relationship.*

KEYWORDS: *Gender; Parkour; Adventure Activities.*

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARDOSO, F. L.; MARINHO, A.; PIMENTEL, G. G. A. Questões de gênero em universitários praticantes de esportes de aventura. **Revista de Educação Física da UEM**, v. 24, n. 4, p. 597-608, 2013.

CHEUNG, F. M.; HALPERN, D. F. Women at the top: Powerful leaders define success as work family in a culture of gender. **American Psychologist**, v. 65, p. 182-193, 2010.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Reino Unido: Polity Press, 1995.

BRASIL. **Diagnóstico Nacional do Esporte**. Brasília: Ministério do Esporte, 2015.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In.: ROMERO, E. (org). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

GOELLNER, S. V. História das Mulheres no Esporte: O Gênero como Categoria Analítica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007, Recife. **Anais...** Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007, v.1, p.1-10.

HARGREAVES, J. **Sporting Females**. Londres: Routledge, 1994.

KIDDER, J. L. Parkour, masculinity, and the city. **Sociology of Sport Journal**, n. 30, p. 1-23, 2013.

LITTLE, D. E.; WILSON, E. Adventure and the Gender Gap: Acknowledging Diversity of Experience. **Journal Loisir et Société**, v. 28, p. 185-208, 2013.

MEYER, D. E. E. Gênero e saúde: indagações a partir do pós-estruturalismo e dos estudos culturais. **Revista de Ciências da Saúde**, v. 17, n. 1, p. 13-32, 1998.

STAPLETON, S.; TERRIO, S. Le Parkour: urban street culture and the commoditization of male youth expression. **International Migration**, v. 50, n. 6, p. 18-27, 2012.

STODDART, M. C. Constructing masculinized sportscapes: Skiing, gender and nature in British Columbia, Canada. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 1, 2011.

THORPE, H. Bourdieu, Gender Reflexivity, and Physical Culture: a case of masculinities in the snowboarding field. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 34, n. 2, p. 176-214, 2010.

WHEATON, B. Parkour, Gendered Power and the Politics of Identity. In: THORPE, H.; OLIVE, R. **Women in Action Sport Cultures**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016, p. 111-132.